



# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quartas-feiras  
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA**  
**PREÇO AVULSO 20 RÉIS**  
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

### Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 um. 1\$500 rs. | Brazil, anno 52 numeros. .... 2\$500 rs.  
Semestre, 26 numeros. .... 7500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.  
Cobrança pelo correio. .... 3100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros. 1\$500 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accellam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º d. Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CÂNDIDO CHAVES  
COMPOSIÇÃO  
**Minerva Peninsular**  
111, Rua do Norte, 11.  
IMPRESSÃO  
**Lythographia Artistica**  
Rua de Almada, 32 e 3.

## UM EXPEDIENTE



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO.

El-Rei D. José, em vista das disposições do sr. architecto Monteiro, que decidira entaipal-o, alugou por 100000 réis uma janella da rua do Ouro, d'onde assistiu á passagem do cortejo, em companhia de algumas senhoras da nossa primeira sociedade.

## © meu jornal

Quarta-feira, 1

Diz-se que o rei chegará amanhã, mas ainda não é certo. Ha por isso, especção e indecisão. Entretanto, seguem os preparativos para a recepção — dizem os jornaes — mas não vejo quaes sejam. As ruas estão desgarradas. Apenas no Terreiro do Paço se martella furiosamente n'uma especie de patibulo, voltado para o mar



e de costas para a estatua de D. José, onde não sei ainda o que se poderá passar á chegada do rei. O Caes das Columnas foi reconstruido. Creio que por um scenographo. Assim as antigas columnas de pedra foram substituidas por duas columnas de madeira pintada, que serviram na ultima magica da Rua dos Condes. Por este motivo falla-se em que haverá tambem surpresas e que o sr. conde de Avila, de *Filha do Inferno* sahirá de um alçapão, para lêr a mensagem ao rei, no Terreiro do Paço.

Estes ruidos não fazem senão augmentar a anciedade do publico e a leitura dos jornaes da tarde, que por motivo das suas avultadas tiragens, estão começando a sahir de manhã. Alguns mastros aguardam na rua do Ouro que os levantem, mas até á meia noite, que foi quando por ali passei, não lhes tinham bulido. Estão certamente de prevençãõ, assim como as tropas, á espera de telegramma da barra. Consulta-se entretanto o ceu, que está pavoroso.



Por volta das duas cahiram alguns pingos d'agua que pareceram tão pesados e tristes, como os que solemnemente começaram a cahir na primeira hora do Diluvio. O que succederá se chove? Fui de madrugada, eu mesmo á janella, inquieto e em palmilhas.



Grossas nuvens pardas passavam no ar como esquadrões, a caminho da barra. Corri a metter-me outra vez na cama, dando estalinhos com a lingua e pensando commigo que vae ser o fim do mundo. Sonho que o mundo realmente acabou e que estou eu mesmo na arca de Noé, que é o velho coche do sr. D. João V, guiado na vastidão das aguas por um cocheiro empoadado e tendo ao meu lado o rei de Inglaterra, que tira largas baforadas de um immenso charuto.



Quinta-feira, 2.

O tempo afinal, bom: um d'esses dias azues, de que a imprensa nos faz quotidianamente a revelação e a réclame. Emfim, um dia que não nos envergonha, porque é sabido que nós tornamos absolutamente solidarios—



o patriotismo e o bom tempo. A unica coisa que em verdade profundamente nos affecta em Portugal não é que a nação cahia em ruinas, ou que o imperio colonial desmorone, mas tão somente — que chova. A unica coisa que authenticamente reivindicamos é o ceu. Gastamos o Brazil, gastamos a India, gastamos a Africa. O ceu é o unico patrimonio que não temos podido gastar. E' por isso tambem o unico de que incondicionalmente nos orgulhamos. Quando o ceu nos atraiçoa, nós succumbimos. O que nos vae ficar? Um dia de chuva reduz-nos á condição de um povo desditoso. O que pensarão os estrangeiros? O que pensará a Europa? O que dirá de novo o sr. Chamberlain, ou será Portugal realmente uma nação moribunda? Se o bom tempo volta, volta a esperança. A imprensa celebra este doce clima de Portugal. Com a brisa tepida, penetra-nos a convicção de alguma indisputavel superioridade. Por um momento, as nossas imaginações pensam oppor á civilisação expoliadora, á diplomacia astuta, aos fortes exercitos e ás fortes armadas, este unico instrumento da defeza e ataque — o Ceu. A cer-



teza do ceu dá-nos a certeza de uma força invencível. Venham! Venham para cá os estrangeiros! Se o estrangeiro vem e o ceu não está em termos, nós encavacamos, pedimos desculpa, como de uma falta de ordem na administração, ou uma falta de aceio nas ruas, desabafamos nos jornaes, accusamos o municipio, incriminamos os observatorios meteorologicos e os seus boletins, que andam sempre a anunciar inconstancia, trovoadas, chuva.

O dia d'hoje é, pois, por todos os motivos, um dia de regosijo para nós. O ceu, que é afinal, depois do regimento de cavallaria 3, unicamente aquillo com que entramos na alliança ingleza, não faltará á revista de forças nacionaes que vae ser logo passada pelo rei de Inglaterra.

Sahio tarde, por não ter ouvido os foguetes, atravesso n'um electrico a Avenida deserta e, quando desemboço no Rocio, já o cortejo, que não sei porque me parece de longe a procissão do Senhor dos Passos, vae subindo a rua Nova do Carmo. Ouço dizer: «Se trepares pela calçada, ainda o apanhas». Trepo pela calçada do Carmo e apanho o cortejo no Chiado. Tem já passado dois coches e n'um, que vem lentamente assumando, descubro o general Francisco Maria da Cunha, ao lado de um general inglez. Não sei porquê, parece-me que estão ambos dentro de uma vitrine e ambos empalhados. O general Cunha vae um pouco partido pelo



peito, como se lhe faltassem chumacos e o general inglez, muito hirto a seu lado, rebrilha com as côres de

uma oleographia. Não posso deixar de os considerar aos dois. Não se fallam e fazem-me a impressão de estarem indispostos um com o outro. Não me pareceu feliz a junção d'estes dois personagens tão oppostos, na mesma carruagem. Subito, ouço gritar *hip! hip!*, o que só estava habituado a ouvir ás sobrezezas, e quando imagino ver apparecer um grupo de sujeitos, de guardanapo no collete, a beber pelo Chiado acima Cham-



pagne da Vinicola, a cabeça do rei de Inglaterra apparece-me por detraz de um crystal, tão exacta e bem cunhada, como na rodella de uma libra sterling. Não se move, não pestaneja e não tem mais relevo do que n'uma moeda. O coche para na minha frente. Dizem que é bonito. Eu não o vi. A cabeça do rei não oscilla sequer com esse imprevisto abaixo.



Esta paragem prolonga-se. Dir se-hia que o cortejo está encalhado. Um silencio cahe e, um momento, o coche fica ali parado no meio do Chiado, com os seus dois reis dentro, como se ali devesse ficar para todo o sempre em exposição. Pergunta-se: «Que é isto? Porque não segue o coche?» Dentro, a cabeça do rei é toda ella perfil. Emfim, o coche oscilla e lentamente passa sob as janellas do Borges, d'on-o maestro Campanini grita para baixo — *hip! hip!*



O que se passa depois é banal como um fim de procissão. Pensa-se nas janellas que custaram cem mil réis. Desço ao Terreiro do Paço e posso então considerar a gosto o pavilhão, que esconde a estatua, veda o largo, occulta ao fundo o Arco da Rua Augusta e as suas pompas. Não



é um pavilhão: é um tapume. O architecto Monteiro teve evidentemente em vista attrahir sobre a sua obra as especiaes atensões da Gran-Bretanha, assim como as da Irlanda. O seu pavilhão não está na margem do Tejo. O seu pavilhão está na beira mesmo da praia occidental, ás umbigadas á Civilisação anglo-saxonia! Foi posto ali para que o vissem. Foi posto ali—quem sabe?—para que o comprassem. O pensamento d'este pavilhão parece ter sido este:—«Repere Vossa Magestade, antes de mais nada, n'esta belleza!»

A' noite, sahi a vêr as illuminações. Vento. Outro inimigo nosso.



Sexta-feira, 3.

Hoje á noite, fogo — um fogo nacional, portuguez, genuinamente nosso.

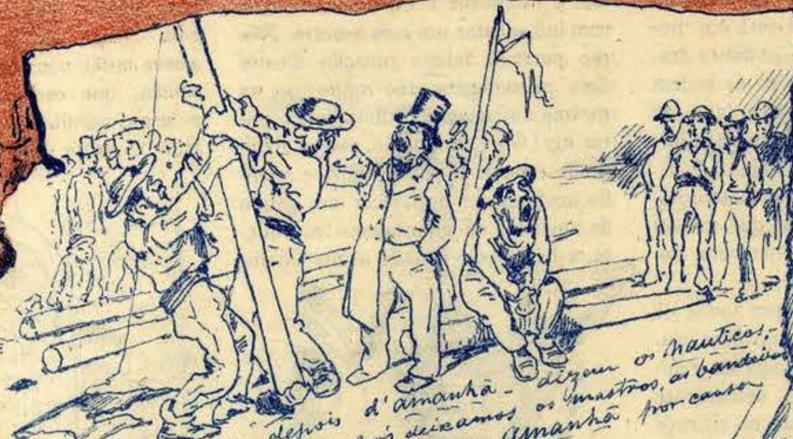
Ha anciedade. A patria está n'este momento n'alguns foguetes de lagrimas. Será bom o fogo? Não será bom o fogo?

A noite o dirá. — Até lá confie-mos. Ter fé é ter força, dizia Hugo.

JOÃO RIMANSO.

# GOD SAVE THE KING

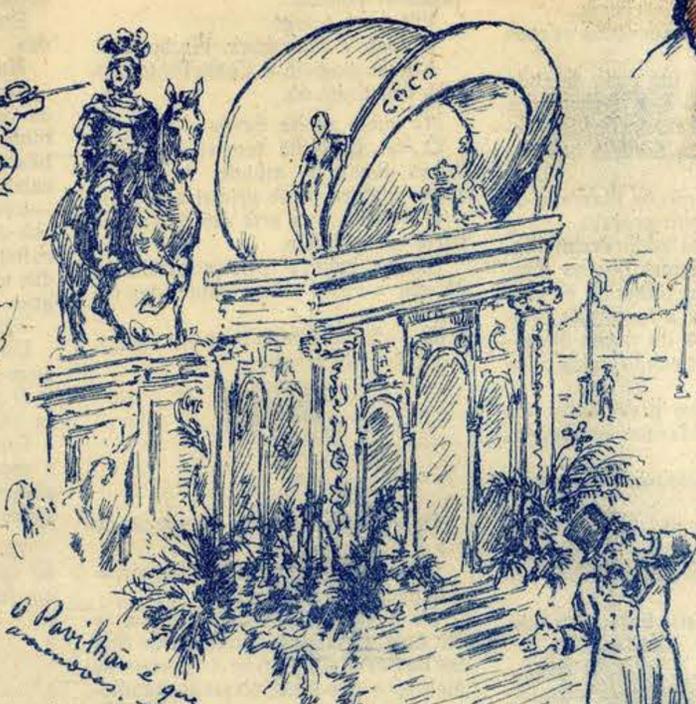
Apartamentos a lapis azul.



Chomem chega depois d'amanha - diziam os nauticos - por causa das milhas - nos deixamos os nossos, as bandieiras e mais artef. correlativas para - Amanha por causa dos milhas.



Palavras não eram ditas, o homem que apparece e a decoração começa a ser a Vanguarda do cortejo seguindo-se-lhe os moços d'estrêleira, coches, etc. ao esplendor decorativo de Fuzil e Rego.



O Pavilhão é que estava quasi pronto, mas faltavam as arandelas. Tufim na Rainha para Inglez vier.

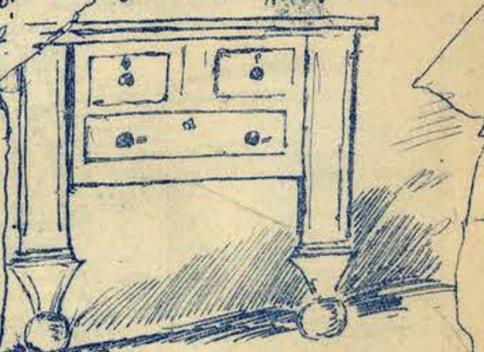


o cavallo do D. Jose julgou-se a manger d'ouro e atirou-se a ella. Ai ce comm'ie.

San'Antonio. Bis'chi os amigos negros. Oh! Gode favel. alha que os ninos reis, são reis d'uma ali... si preta.



O Galiteiro do Largo do Palancho - Sal e pimenta.



Depois da festa irão servir para pés de commoda ou espelhos d'alfaiate. Economia e elegancia.



os apressados acharam muito mais a Colyrum.



O Senhor Costa Pinto a seu respeito a sua alliança de se casar.



O fogo foi o primeiro acto da economia que de muito tempo temos a projectar de applaudir. Consta que, a ultima hora, foi promido pelo Sr. Teófilo de Souza - Fogo muito lagrima e pouco entalo.

interview com uma girandola de foguetes. Porque é que os sonhos foguetes estavam tão bonnas? - Porque St. Porque o Sr. Luiz Vaiga - não permite as tres respostas do estylo - RAPHAELE BARRALLO PINHEIRO

OS MELHORES

*Sexta feira. Oito horas noite.*

Parece uma deliquescencia.

A cidade escorre por todas as ruas cá para baixo.

Parece que ha um cano de cada lado nos passeios e a semelhança agrava-se quando esses cordões, negros, de gente, se fundem nos largos: — cheira mal.

O povo tem como os lilazes, e os lyrios — o seu cheiro proprio.

A policia é feita admiravelmente.

Cavalheiros e damas que na Avenida da Liberdade tomaram os carros electricos para a rampa de Santos, ás seis horas da tarde, chegaram ao local mencionado pelas onze horas da noite.

Algumas familias previdentes tomaram chá e torradas nos carros, em plena rua do Oiro.

N'um d'elles recitou-se e cantou-se ao piano.

O piano era tocado n'um primeiro andar—ao lado.

Pessoas respeitaveis dormiam pelas bancadas.

Sempre era mais barato do que dormir na casa da guarda.

A's oito horas e meia, a um signal dado, accendem-se os bicos de gaz.

Cáe sobre a multidão um manto tremulo de luz e verificou-se mais uma vez aquella apparencia de estupidéz que tem as multidões illuminadas—fóra d'horas.

As ruas continuam a despejar sobre o Terreiro e o Pelourinho, ranchos de familias, que se engolfam n'aquelle mar de corpos de cabeças levantadas como girafas.

Nas passagens de rua o formigueiro aperta-se, vêem-se plumas brancas agitadas como pelo vento, açoitarem chapéus de côco e bonets de bombazina, estreados.

Ha gritos, uns de surpresa, outros de dôr; que correspondem naturalmente a apertos de mão ou a apertos de calos.

De vez em quando uma phrase salta,  *fina vibrante* :

— Arre que é bruto!

— Olhe que me pizou, sua besta! e outras que taes de uma *gentileza* digna de registo e que dá bem a medida do grau de civilisação do nosso povo!

Uma poeira fina, cobre os rostos e os fa'os.

Aqui e alli uma banda de musica em gaiolas, toca a marcha funebre de Chopin, quero dizer o *God save the king*.

A onda porém caminha.

A rua do Arsenal é como o Douro entre rochedos, rumorosa e negra.

Adeante espriam-se as gentes a procurar poleiro.

Vão para o fogo.

O fogo é portuguez. Ha apostas. Alguns elogiam o Costa Pinto, outros censuram-no.

Ha quem agoire *flasco*.

O rei Eduardo tem visto os melhores fogos do mundo. A pyrotechnica ingleza é de primeira ordem. O talento e a arte são de toda a parte—respondem.

Não ha politica mais pyrotechnica do que a nossa e nunca aprendeu na Inglaterra.

Mas não ha tempo para discussões — a coisa va e vem.



Do alto das Albertas o aspecto do rio é interessante.

Coalham-no centenas de barcos illuminados á veneziana.

Os navios de guerra desenham se em fitas de luzes e os montes da Outra Banda contornam-se e revelam-se marcados por uma missanga luminosa e tremula.

Cincoenta mil tijelinhas de cêbo, diz a meu lado um typo de official reformado :

— Cêbo para tanta tijelinha, diz do lado um *gajo* de melenas empastadas.

Poucos navios.

A multidão contempla, silenciosa. Um ar frio faz levantar as golas das capas.

Espirra-se aqui e ali.

— Temos bom tempo, diz uma voz anonyma.

Ha risos.

*Dez horas e meia.*

Um foguete levanta vôo, n'uma cauda de limalha de oiro; a cabeça es toira-lhe de estrellas pallidas — o fogo começou.

Começou lentamente, agora um foguete logo outro — sem força, sem vida, pareciam atacados de tuberculose; um ramilhete de meia em meia hora.

A um instante de luz, seguem-se segundos de trevas.

— Os foguetes teem poucas lagrimas.

— Precisam de cebola nos olhos, responde um segundo garoto, ahi dos seus dez annos.

E, continuou, assim, sempre, na mesma fórma, pausa, methodica, conselheiral, aquelle lacrimar cançado de bichas de rebear e de chouriços de Arrayolos.

Até que ao longe apparece uma coisa a luzir, que uns disseram que era o castello de Windsor e outros uma fornalha da saboaria do mesmo nome.

Então a tristeza invadiu as bancadas.

Havia pessoas que choravam.

Os intervallos do fogo eram cada vez maiores e o corpo negro dos montes da frente, semeado dos arabescos das luzes, parecia um grande caixão coberto de pregaria amarella, — o caixão d'uma nacionalidade, sobre que os genios do mal, lançassem, escarminhos, lagrimas fingidas, com todas as côres da alegria e da embriaguez.

Tristeza geral.

Uma ultima girandola de penachos? atравessou os ares.

O *flasco* das primeiras desanimara as ultimas peças.

Saiam de lado e envergonhados a meia altura, volteavam-se e mergulhavam — a cabeça para baixo — nas aguas do Tejo.

Verdadeiros, claros, suicidios, como só costumavam praticar as cabeças em fogo.



Fez-se maior a negrura. O vento apagava as luzes. A multidão debandou.

Uma hora depois a treva era geral.

Apenas, a meio do rio, uma coisa alta, com pequenos balões pendentes desafiava ainda a escuridão da noite.

Diziam que era um mastro.

Alguem affirmava que era o Costa Pinto, de pé, sobre o pontão, contemplando com o olhar embevecido um chouriço encarnado, que se perdia nos ares, lá para os lados de Caparica!

E' capaz de lá estar ainda.

M.

#### Na multidão

No Aterro, em frente de uma placa de madeira que tem em grandes letras E VII, abre-se a porta de uma taberna.

Um bebado, olhando do limiar e lendo: — E. Vê dois...

Voltando-se para um amigo: vê dois, mas não paga nenhum!



Um sujeito para outro que pretende atravessar uma massa compacta de gente:

— Homem, V. parece que tem pretenções a raio X.

— P. T. O. conclue o outro e continua a furar.



HIGHLANDERS. HULLÔ!... SHOCKING!... PROFESSIONAL BEAUTIES

**Bênção**

De vez em quando, lê se n'um jornal : «Foi hontem dia de festa para o regimento numero tantos, por motivo da bênção da nova bandeira».

Por motivo da bênção o 52 da terceira devia ter um alegrão. Elle faz tanto idéa do que é uma bandeira como do que é uma bênção.

Da bandeira é triste que assim seja : da bênção não perde nada com isso, porque eu tenho tido saude e rté hoje não faço idéa nenhuma.

Nenhuma série, é claro. E, não acabam estas velharias ridiculas ! Uma bandeira aspargada com agua benta. Para quê ? Symbolo da patria é por si mesmo sagrada. Não comeu da maçã, não precisa de baptismo. Para que manchal a com a agua suja dos dedos, tabaqueiros das beatas ?

Mas, mais abaixo, vê-se sempre como complemento da noticia : «O rancho das praças, que foi servido a tal hora, melhora-do, constando de sopa de massa, carne, vinho e sobrezeza».

Agora já concordo com a alegria do 52 da terceira e já a percebo.

Foi uma alegria... da pança. Lá por este lado benzam-se as bandeiras, ao menos, uma vez cada anno !

**Tuberculose**

As camaras municipaes tem agora de con correr com uns contos de réis para os tu berculosos em Lisboa e Porto.

Não se percebe porque é que as camaras de Lisboa e Porto não hajam de concorrer para o tratamento dos tuberculosos das provin cias.

A idéa é genial.

A immundicie, a pobreza, a má alimenta ção, que se agravem nas aldeias e nas vil las, que forgem tuberculos para consolo dos pobres. Que as precarias circumstancias das Camaras as forcem a explorar os municipes, que não tem a honra de passear pela Ave nida ou pela Cordoaria, porque o bacillo corteção tem privilegio de tratamento.

Explorar os pobres para combater a tu berculose é idéa que, só em Portugal po deria germinar, em cabeça de homem.

Lá fóra, se algum dia surdiu, foi em ca beça de burro.

**Vinhos**

Para a mesa, (naturalmente) de Eduardo VII, de Inglaterra, vieram de Londres, vin te caixas de vinhos finos.

Vae-se a saber que bebidas é que se fa zem em Inglaterra e só se encontram as de cevada, vulgarmente chamadas — cervejas.

Logo os vinhos que vieram de Londres, a serem vinhos, devem ser ou do Porto ou da Madeira, porque os não ha melhores no mundo.

De modo que quem quizer beber dos bons vinhos portuguezes, tem de os mandar vir de Londres.

Por este andar não tardará muito que d'aqui a pouco quem quizer comer um pra to de orelheira de porco com feijão branco, tenha de o mandar vir da Russia.

**Attentado**

O romancista Marçal Prevost, o auctor das *Semi-Virgens*, comediographo de valor conjuntamente, foi alvejado por mademoi selle Thouret com dois tiros de revolver.

A pobre menina, sem possuir já a *semi* atenuante, que parece que o romancista lhe raspara do nome, quiz vingar-se da tambem collega, viuva rica— com que Prevost casara —surando-lhe o marido.

A coisa fez barulho, porque os tiros o fa zem :—ficou se em ruído.

O Marçal é que apanhou agora novo assumpto para obra nova, comica : «As nada Virgens».

Assaltos em escadas, balas que á queima roupa não furam, desmaios no salão, viuvas escamadas, duello...

Ora pois... um felizão.

**Raça**

«A raça ingleza, diz um collega com toda a seriedade, é uma raça séria, e, se quando deseja alguma coisa vae direita implacavel mente á sua conquista, tambem é certo que não sabe faltar aos seus compromissos e so bre este ponto de vista pode-se ter relações com os inglezes».

Com os inglezes ?

Não, lá isso mais devagar.

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**

*Fornecimento de arame de ferro zincado*

No dia 6 de abril pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a comissão executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de arame de ferro zincado.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos armazens «edificio de Santa apolonia», todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 4 da tarde e em Paris, nos escriptorios da Companhia, 28 rue de Chateaudun.

O deposito para ser admittido a licitar, deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio. Lisboa, 28 de fevereiro de 1903.

O director geral da Companhia Chapuy.

**MOLDURAS E MOVEIS DOURADOS**

A ouro fino continuam-se a fabricar em todos os estylos, por preços modicos.

**Espelhos** molduras e galerias.

**Mezas** de phantasia dourada em diversos gostos.

**Galerias** douradas a 800 réis.

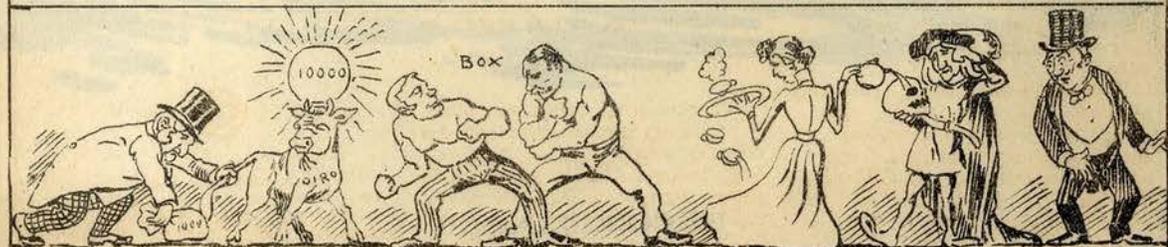
**Baguette** nacional para molduras e galerias: qualidade e preço rivalisa com a estrangeira.

**Estampas** e oleographias, bom sortimento e variedade, muito barato, por que vem directamente a nossa casa, todos os artigos acima mencionados e muitos outros do que diz respeito á arte de dourador, se encontram á venda na officina e deposito de moveis dourados, de Joaquim Antonio Pereira.

273, Rua da Rosa, 275

**RELOGIOS**

Dos melhores fabricantes. Relojoaria BO TELHO. Rua do Ouro. (Junto á esqua do Rocio).



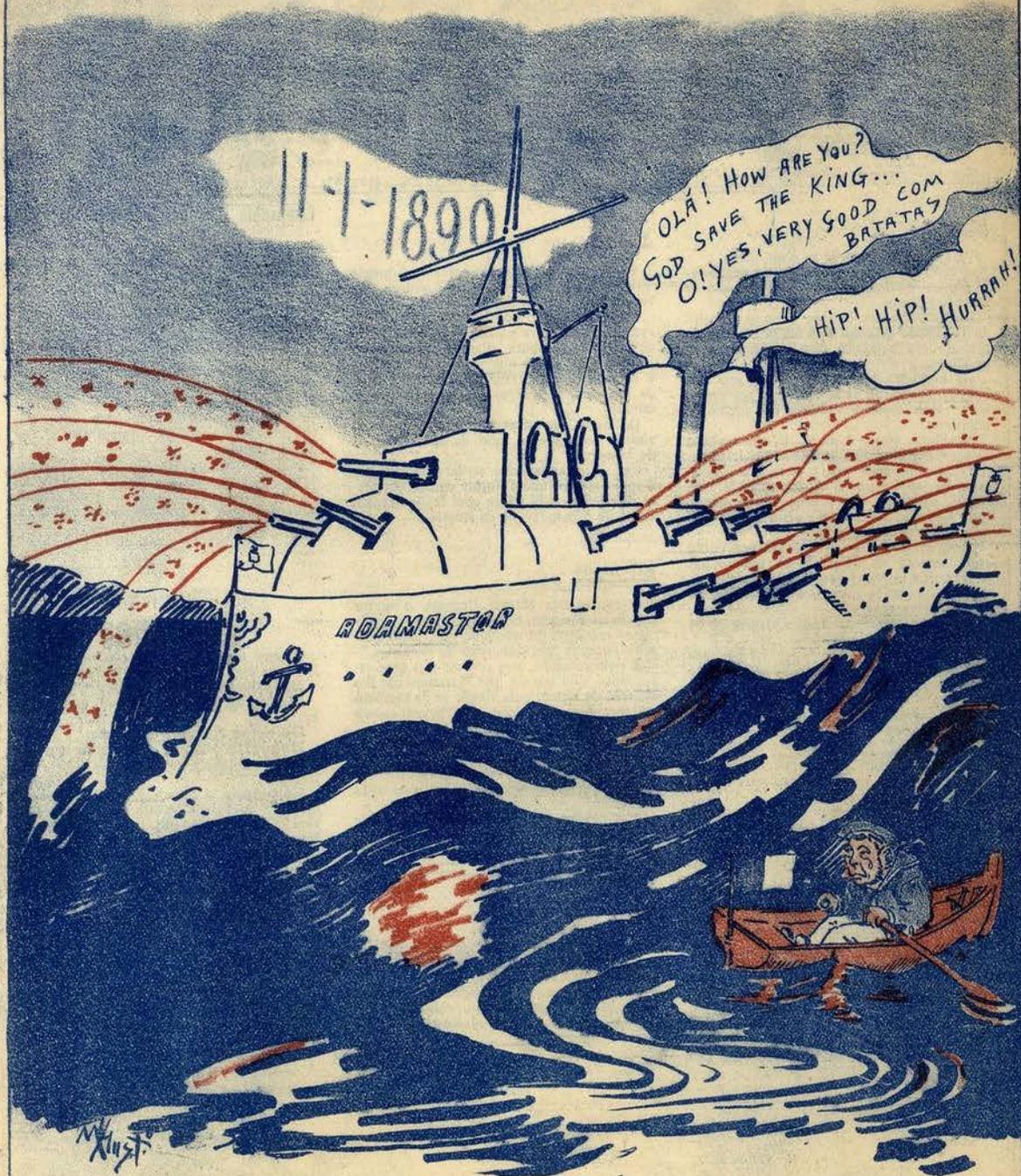
Stock exchange

BANKNOTES

Struggle for life...

FIVE O'CLOCK TEA- to be or not to be... clubman.

11 DE JANEIRO DE 1890



RECONCILIAÇÃO